



(Foto cedida por National Archives and Records Administration)

Um grupo de militares capturados pelas forças alemãs na Frente Ocidental durante a Primeira Guerra Mundial ilustra a grande diversidade dentro das forças aliadas. Este grupo representa oito nacionalidades que serviram na coalizão aliada: anamita (vietnamita), tunisiano, senegalês, sudanês, russo, norte-americano, português e inglês. Fora as forças europeias e norte-americanas, predominantemente brancas, cerca de 4 milhões de militares e auxiliares não europeus e não brancos foram recrutados das colônias aliadas para combater na Europa e em outras áreas. Cerca de um milhão deles serviram com distinção no norte da França e Bélgica.

O Mito da Nova Complexidade

Ten Cel (Res) Clay Mountcastle, Exército dos EUA

O mundo sempre foi um lugar incerto e complicado. O chamado “futuro previsível” não é nada previsível, nem nunca foi. Entretanto, nos últimos anos, várias vozes dos segmentos político e militar dos Estados Unidos da América (EUA) têm alegado que hoje assistimos a uma era de inédita complexidade, com um futuro bem mais imprevisível do que no passado. Por exemplo, em sua audiência de confirmação perante a Comissão de Relações Externas do Senado dos EUA, em 24 Jan 13, o Secretário de Estado John Kerry declarou: “O mundo de hoje é mais complicado do que qualquer coisa que tenhamos vivenciado”¹.

Em um outro contexto, os autores militares de um estudo recente, “Capital Intelectual: A Case for Cultural Change” (“Capital Intelectual: Em Defesa da Mudança Cultural”, em tradução livre), concordaram com Kerry, afirmando que “nossos futuros ambientes operacionais combinados e conjuntos serão mais complexos do que nunca na história”².

Líderes militares da ativa e da reserva também ecoaram esse discurso, enfatizando a ideia de um nível de complexidade supostamente novo e jamais visto na guerra moderna. Por exemplo, o Alte Esq Tony Zinni, da Reserva Remunerada do Corpo de Fuzileiros

Navais dos EUA, propôs que “O espectro dos conflitos se ampliou muito ao longo dos anos, e o ambiente do campo de batalha se tornou bem mais complexo”. Esse “novo campo de batalha”, afirma ele, é consideravelmente diferente de todos os vistos anteriormente³. O Exército dos EUA incorporou essa noção em sua doutrina recente. O ex-Comandante do Exército dos EUA, Gen Ex Raymond Odierno, asseverou, em 2012, que o “ambiente estratégico tem se tornado cada vez mais complexo”. Como que para destacar esse refrão, o Exército dos EUA intitulou seu mais novo conceito operacional *Win in a Complex World* (“Vencer em um Mundo Complexo”, em tradução livre). De forma quicá mais ambígua, o Gen Ex Martin E. Dempsey (então comandante do Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA, *Training and Doctrine Command* — *TRADOC*) afirmou um ano antes que “[v]ivemos em um ambiente de segurança muito mais competitivo”⁴. Essa assertiva suscita a questão: mais competitivo que o quê, exatamente?

A Complexidade Passada

O mantra de uma nova e inédita complexidade na natureza dos assuntos militares não é tão surpreendente, mas enganoso. Na melhor das hipóteses, a afirmação de que o ambiente operacional é mais complexo do que em eras anteriores é uma justificativa míope para uma série de mudanças organizacionais e intelectuais. Na pior das hipóteses, é uma desculpa velada para falhas estratégicas e operacionais ao longo da última década. O que é mais provável, porém, é que o elevado grau de autoestudo e introspecção vivido pelas Forças Armadas dos EUA — e, em particular, pelo Exército — durante as guerras no Iraque e no Afeganistão resultou em uma espécie de miopia inesperada, que ignora a história e enxerga os desafios da atualidade como algo sem precedentes em termos de sua complexidade e ingovernabilidade. Entretanto, existem, na verdade, precedentes para fatores que hoje são, equivocadamente, caracterizados como mais complexos do que antes.

Primeira Guerra Mundial. No decorrer dos últimos cem anos, a complexidade, a ambiguidade e a incerteza em assuntos militares têm sido uma constante. Em muitos casos, o grau de tal complexidade foi igual ou maior que o visto atualmente. Quando o mundo ocidental deu início à calamidade que seria lembrada como Primeira Guerra Mundial, poucos, na época,

foram capazes de descrever como ou por que a guerra eclodiu. Mesmo hoje, um século de reflexão não gerou um consenso em torno de uma única explicação definitiva para o conflito. Ao contrário, encontramos uma infinidade de explicações diferentes, que atribuem a causa a alguma combinação de um emaranhado precário de alianças políticas, acordos de segurança, planos de guerra, industrialização, divisões étnicas e ressentimentos latentes do século XIX, a qual gerou uma situação de segurança instável e explosiva em toda a Europa ao chegar 1914. Esse ambiente, segundo o historiador militar John Keegan, “sobrecarregou, progressivamente, a capacidade de estadistas e diplomatas” para controlá-lo⁵. Em consequência, a Europa foi, subitamente, à guerra contra si mesma.

A rapidez com a qual o continente passou de uma “produtividade pacífica” à total imersão em uma guerra com um grau de destruição sem paralelo foi alarmante, até para os padrões atuais⁶. Igualmente notável foi a escala de transformação do combate entre 1914 e 1918, um período relativamente curto. A guerra deu origem ao poder aéreo, aos blindados, às armas químicas e à primazia da metralhadora e dos fogos indiretos de artilharia. Os países que estavam acostumados a conduzir guerras estritamente em terra logo se viram combatendo no ar e sob a superfície do oceano. É difícil saber se os militares que combateram na Primeira Guerra Mundial atinaram que essas novas ferramentas de guerra conservariam seu papel central no campo de batalha mais de um século depois — ou como se sentiram, caso o tenham compreendido. Desde então, não houve uma transformação em armas tão radical e abrangente, e muito menos tão rápida. Portanto, quando a atual narrativa discute os desafios da complexidade junto com a necessidade de se manter em dia com as novas tecnologias no campo de batalha moderno “em constante evolução”, é esclarecedor lembrar que esses desafios não são algo novo.

Os anos entre guerras. Mais ainda que durante a Primeira Guerra Mundial, o período entre guerras se caracterizou pela inovação militar, com um alcance e velocidade nunca vistos anteriormente. Foi uma época marcada por “disputas intelectuais e tecnológicas” que, como a maior parte de outros períodos entre guerras, resultou em “mudanças sistêmicas e maciças na natureza básica da guerra”, segundo Williamson Murray e Allan R. Millet⁷. Os EUA e países europeus,



(Wikimedia)

Integrantes norte-americanos da Equipe *Deer* do OSS (Gabinete de Serviços Estratégicos) posam com os líderes Viet Minh Ho Chi Minh (terceiro a partir de esquerda, de pé) e Vo Nguyen Giap (quinto a partir da esquerda, de pé), durante adestramento em agosto de 1945, em Tan Trao, Distrito de Son Duong, Província de Tuyên Quang, Vietnã. Embora reconhecesse que Minh e Giap eram comunistas leais e implacáveis, com amplos vínculos com a União Soviética e um histórico de violência, o governo dos EUA os considerava líderes de forças organizadas capazes de efetivamente lutar contra a ocupação japonesa da Indochina em uma área onde as capacidades convencionais aliadas eram bastante limitadas e, por isso, decidiram arriscar apoiá-los. O OSS, precursor da Agência Central de Inteligência (CIA) e das Forças de Operações Especiais dos EUA, inseriu equipes na retaguarda das linhas do Eixo, tanto na Europa quanto na Ásia, para organizar, adestrar, equipar e coordenar operações de combate empregando forças locais.

como a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha, assim como União Soviética e Japão, correram para produzir armamentos e tecnologias que lhes proporcionassem uma vantagem em combate, ainda que os futuros adversários e campos de batalha fossem desconhecidos. As capacidades de poder aéreo e de submarinos, aliadas à letalidade rapidamente crescente de todos os sistemas de armas, produziram um ambiente estratégico intenso, que era extremamente competitivo, perigoso e imprevisível.

Esses avanços no combate tinham como pano de fundo mudanças radicais em outras esferas nacionais e políticas. Durante esse período, o fascismo e o comunismo se arraigavam na Europa, ao passo que a Segunda Guerra Sino-Japonesa expunha a agressividade do Japão, assim como sua capacidade militar. A ascensão do nazismo nos anos 30 demonstra que a existência de ideologias radicais que contribuam para um conflito não representa, de forma alguma, um fenômeno recente. Além disso, o impacto financeiro da Primeira Guerra Mundial sobre as nações, seguido da Grande

Depressão, colocou uma “enorme pressão sobre as economias nacionais”, produzindo uma crise econômica em que “moedas entraram em colapso, o índice de desemprego aumentou, a agitação cresceu e os padrões morais se deterioraram”, segundo os autores de *Men In Arms*⁸. Esse turbilhão militar, político e econômico durante o período anterior à Segunda Guerra Mundial produziu uma situação global que, sem dúvida, seria vista, hoje, como perigosamente caótica, instável (como era de fato) e extremamente complexa.

Segunda Guerra Mundial. O historiador Brian M. Linn caracterizou, recentemente, a Segunda Guerra Mundial como o “momento de insuperável grandeza do Exército”⁹. Em muitos aspectos, realmente foi. Mostrou que as Forças Armadas dos EUA eram compostas de profissionais organizados e tenazes, possuidores de extraordinária visão estratégica, resiliência e coragem. Para os EUA, os inimigos eram conhecidos e a missão, clara, ou assim parecia ser. Está bem que generais da reserva se refiram com nostalgia aos “bons tempos da Boa Guerra! A tradicional e *simples* guerra

convencional”, mas esses comentários subestimam o verdadeiro caráter das duas guerras mundiais e da Guerra Fria que delas resultou, da mesma forma que declarar que as guerras de hoje são bem mais complicadas que as do século XX é uma alegação questionável¹⁰. Um evento que envolveu os exércitos de mais de 30 países, resultou em mais de 40 milhões de baixas militares e 45 milhões de civis mortos e foi conduzido em mais de trinta campanhas operacionais por todo o mundo não pode ser considerado simples¹¹. A maioria dos norte-americanos hoje em dia (especialmente entre os militares) ficaria intimidada, abalada ou atônita com as enormes complicações e frustrações estratégicas, operacionais e logísticas relacionadas ao combate em uma guerra de tal magnitude e terríveis consequências¹². Infelizmente, a passagem de setenta anos embotou nossa memória coletiva nesse sentido. Além disso, diferentemente da guerra anterior, a Segunda Guerra Mundial conferiu uma nova totalidade à guerra, definida da forma mais dolorosa pelo primeiro emprego de armas atômicas — e com ele, uma incerteza aterradora em relação a futuros conflitos.

A Guerra Fria. Após o colapso da União Soviética, tornou-se popular recordar a Guerra Fria em termos descomplicados: a democracia contra o comunismo; o bem contra o mal. A possibilidade da destruição mútua assegurada, antes tão aterradora, tornou-se uma noção quase antiquada em 1990, e muitos passaram a lembrar-se da Guerra Fria como uma disputa bipolar envolvendo apenas os EUA e a antiga União Soviética (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou URSS). Entretanto, se norte-americanos daquela época decidiram enxergar a Guerra Fria de uma maneira tão simplista, estavam se enganando, da mesma forma que nos enganamos hoje ao lembrá-la desse modo. As cinco décadas que assistiram às perpétuas nuvens de uma Terceira Guerra Mundial pairarem no horizonte foram um período penoso e complicado, tanto política quanto militarmente. Robert Golan-Viella estava certo ao observar que “o próprio mundo entre 1945 e 1991 não era, na verdade, tão simples”, embora os “norte-americanos frequentemente lhe impusessem um modelo simplista”¹³.

A combinação de proliferação nuclear; regimes fascistas e totalitários em toda a América do Sul e no Leste Europeu; genocídio na África Central; guerras na Coreia, Oriente Médio e entre a Índia e o Paquistão;

e um grande número de guerras civis e insurreições fez com que grande parte do mundo estivesse extremamente instável e “sem liberdade”, como observou o historiador Paul Kennedy. Só porque os EUA tinham sua atenção voltada para a União Soviética não significava que o resto do mundo não estivesse “pegando fogo”. “Eram tempos realmente assustadores”, argumentou Kennedy em 2007, “e muito mais perigosos que nossa circunstância atual”¹⁴.

Vietnã. As guerras recentes no Iraque e no Afeganistão renovaram o interesse na Guerra do Vietnã, servindo como um poderoso lembrete sobre as complexidades militares, políticas e culturais relacionadas àquele conflito no Sudeste Asiático. Como descreveu Stanley Karnow, as “origens [da guerra] foram complexas, suas lições contestadas”, e continuamos tentando entender seu verdadeiro legado¹⁵. Foram inúmeras as razões para o fracasso norte-americano no Vietnã: o entendimento incorreto sobre o inimigo, as restrições estratégicas e operacionais, um comandante em chefe adepto do microgerenciamento, generais confusos e a perda do apoio do público estão entre as mais populares. O resultado foi um Exército dos EUA ferido e desmoralizado que, nas palavras do Gen Ex Bruce Palmer, viu-se “remoendo suas frustrações e reavaliando seu papel no mundo”, passada uma década inteira desde a queda de Saigon¹⁶. Soa familiar?

Com uma poderosa força militar soviética a enfrentar e com os EUA lutando contra uma crise cultural e econômica, a era pós-Vietnã estava imersa em incerteza e dúvida. Os que sustentam que os EUA da atualidade enfrentam, de algum modo, um futuro mais incerto e assustador precisam considerar, seriamente, como o mundo se apresentava à perspectiva norte-americana no final dos anos 70.

A União Soviética no Afeganistão. Felizmente, para os EUA e a para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), a União Soviética deu início à sua malfadada invasão do Afeganistão em 1979. Na época, a medida alarmante ameaçou servir como o há muito temido estopim de uma Terceira Guerra Mundial, mas seu único verdadeiro impacto foi exaurir, consideravelmente, as Forças Armadas soviéticas ao longo de dez anos e contribuir, em grande parte, para o colapso da União Soviética.

Enquanto os EUA reconstruíam suas próprias Forças Armadas e participavam de uma série de

conflitos menores em Granada e no Panamá, os soviéticos aprendiam a árdua e eterna lição de que combater uma insurgência nas montanhas do Afeganistão era algo extremamente difícil, até mesmo para uma superpotência. Um veterano russo sugeriu: “A prática de concentrar um grande número de forças regulares contra um grupo pequeno de forças irregulares para combater em uma guerra de guerrilha em um terreno acidentado é inútil” e anos após a retirada soviética do Afeganistão, um professor militar russo concluiu¹⁷:

Foi uma decisão impetuosa enviar forças soviéticas a essa região [...] os afegãos, cuja história inclui muitos séculos de combate contra vários grupos beligerantes, não poderiam ver esses estrangeiros armados como qualquer outra coisa que não invasores armados¹⁸.

Evidentemente, após quase 14 anos de operações no Afeganistão, essas observações deveriam parecer proféticas para os norte-americanos atualmente, levantando questões legítimas. A experiência militar soviética no Afeganistão foi significativamente diferente da experiência norte-americana durante a Operação *Enduring Freedom*? Os desafios enfrentados pelos soviéticos foram verdadeiramente diferentes? Os mujahedin empregaram, nos anos 80, uma estratégia ou táticas radicalmente diferentes das usadas pelo Talibã e outros grupos insurgentes nos últimos anos? As dinâmicas políticas e culturais em jogo eram intrinsecamente diferentes? Responder que sim a essas perguntas significa apoiar-se fortemente em detalhes relativamente pequenos.

Uma resposta mais plausível seria notar as diferenças na organização e doutrina militar soviética e norte-americana, mas admitir que os desafios enfrentados no Afeganistão — e as dificuldades concomitantes — foram mais semelhantes que diferentes. Essa observação é importante por duas razões. Em primeiro lugar, serve para nos lembrar da necessidade de olhar além da experiência norte-americana ao emitir juízos gerais sobre assuntos militares globais e o ambiente operacional. Segundo, mina a noção de que nossa recente campanha no Afeganistão tenha testemunhado algo particularmente novo, algo mais complicado que as campanhas anteriores. Na verdade, nossas operações naquele país produziram esforços, resultados e lições notavelmente semelhantes aos do passado.

Exemplos mais recentes. Dezesseis anos atrás, um general da reserva remunerada do Exército dos EUA descreveu um conflito “sem um claro consenso internacional quanto a combater; sem uma causa definida; com um apoio ambivalente do público; sem um longo desdobramento e ampliação de forças; com um ambiente incrivelmente complexo no teatro de operações; e com difíceis condições climáticas, demográficas e geográficas no campo de batalha”¹⁹. Essa não era uma previsão sobre o Iraque ou o Afeganistão, e sim sua análise sobre o conflito no Kosovo em 1999. A descrição do ex-Comandante Supremo das Forças Aliadas da OTAN, Gen Ex Wesley K. Clark, sobre essa campanha quase esquecida serve como um lembrete de que a complexidade em ambientes operacionais instáveis certamente existia antes dos ataques terroristas do 11 de Setembro. Foi um exagero de Clark ou simplesmente não estávamos prestando atenção?

Contudo, não é difícil entender como a magnitude do 11 de Setembro levou muitos norte-americanos a enxergar o mundo como sendo, subitamente, um lugar mais perigoso e complicado. Foi como se um mundo multipolar houvesse surgido da noite para o dia. As campanhas que seriam conduzidas como parte da Guerra Global contra o Terrorismo estavam tão cheias de descobertas, surpresas e frustrações que os militares buscaram novas formas (e termos) para definir a tarefa em questão. As “operações no amplo espectro” e a “guerra assimétrica” se tornaram o foco, e uma mudança estratégica para operações de contrainsurgência gerou modificações abrangentes na doutrina norte-americana. Em 2006, o Exército dos EUA elaborou o muito elogiado Manual de Campanha 3-24, *Contrainurgência (FM 3-24, Counterinsurgency)*, que forneceu diretrizes gerais para combater o “extremamente difícil e complexo” problema de uma insurgência²⁰. Ao chegar 2007, os EUA estavam totalmente imersos no que o ex-fuzileiro naval e Subsecretário de Defesa Bing West chamou de “contrainurgência esclarecida”, que se concentrava mais na construção nacional e menos em operações militares puramente cinéticas²¹. Os resultados, tanto no Iraque quanto no Afeganistão, foram inexpressivos, com muito pouco no sentido de um êxito militar ou político mensurável, a ponto de o então Secretário de Defesa Robert Gates referir-se às guerras como “um albatroz preso ao pescoço da nação”²².



(Departamento de Defesa, Sgt Brendan Stephens)

Menina parece divertir-se ao encontrar militares norte-americanos encostados contra a parede de sua casa, 21 Fev 00, em Mitrovica, no Kosovo. Os integrantes da Companhia B, 3º Batalhão, 504º Regimento de Infantaria Paraquedista, e a polícia da Organização das Nações Unidas conduziam uma busca de armas de casa em casa. A unidade da 82ª Divisão Aeroterrestre do Forte Bragg, na Carolina do Norte, foi desdobrada como parte da Força do Kosovo, uma força militar internacional liderada pela OTAN, que conduzia a missão de manutenção da paz conhecida como Operação *Joint Guardian*.

Aprendendo com o Passado

Embora não possamos, ainda, falar ou escrever sobre o envolvimento dos EUA no Afeganistão e no Iraque como se já pertencesse totalmente ao passado, o surgimento de qualquer mudança significativa na narrativa existente e quase completa dessas guerras seria uma grande surpresa. Esse fato, talvez mais do que qualquer outro, levou as Forças Armadas dos EUA a considerarem o atual ambiente operacional como problemático: um complexo quebra-cabeça, difícil de resolver. Linn afirmou que o Exército tem sido, tradicionalmente, moldado pelo “eco da batalha” que decida ouvir²³. Parece que o eco ouvido dos últimos quatorze anos no Afeganistão e no Iraque é barulhento e cheio de estática: vários sons aos mesmo tempo, ameaçando confundir-nos.

O pensamento mais enganoso, ainda que comum, é o de que as Forças Armadas dos EUA sejam capazes de se preparar totalmente para a próxima guerra. Essa noção sugere que o Exército deva estar completamente pronto antes que os primeiros tiros sejam disparados, prevenindo, assim, o tipo de “mau começo” que caracterizou quase todos os conflitos de nossa história. Christopher A. Lawrence concluiu, recentemente, em seu estudo *America's Modern Wars* (“As Guerras

Modernas dos EUA”, em tradução livre), que, após a guerra “falha e improvisada” no Afeganistão, os “cidadãos norte-americanos têm o direito de exigir que a autoridade de comando nacional (civil) e as Forças Armadas norte-americanas estejam preparadas para todos os tipos de guerra e sejam capazes de iniciá-las com considerável competência”. Embora reconheça que os EUA fizeram significativos avanços com respeito a adaptar-se aos desafios apresentados pelo Iraque e Afeganistão, Lawrence declara: “Mesmo que o copo esteja meio cheio, os militares e contribuintes norte-americanos têm todo direito de exigir que esteja completamente cheio”²⁴.

Ele está errado. Não só o copo não ficará “completamente cheio”, como tampouco as Forças Armadas serão capazes de estarem preparadas para “todos os tipos” possíveis de conflito a todo momento. A ideia de preparo absoluto, reforçado pela fé na análise de dados, em modelos, na estatística e em mementos de planejamento, desconsidera, ingenuamente, a simples realidade de que é impossível preparar-se para todas as contingências. Como observou o comandante do TRADOC, Gen Ex David Perkins: “O futuro não só é desconhecido, mas também impossível de conhecer”²⁵.

Assim, devemos aceitar essa incerteza e reconhecer que nossa capacidade para planejar, adestrar e nos preparar para a próxima guerra é limitada. O que quer que o próximo conflito apresente, teremos de fazer ajustes estratégicos, organizacionais e doutrinários à medida que combatermos. Essa não é uma deficiência; é uma simples verdade histórica.

O recente apelo do Exército dos EUA pela adaptabilidade em suas fileiras reconhece essa verdade e é apropriado, considerando-se o estado dos assuntos políticos e militares atualmente. É correto afirmar que estamos entrando em “um período de grande transição”, mas não sugerir que isso seja algo único²⁶. O problema em enxergar os atuais assuntos militares como algo inédito e, de algum modo, mais complexo que os anteriores está na tendência a ignorar ou desconsiderar o passado. Pensar que as questões de hoje só possam ser resolvidas com novas ideias, novas soluções e novos sistemas não só é errado, como também contraproducente.

Conclusão

Quase trinta anos atrás, os autores de *America's First Battles, 1776-1965* advertiram contra a “crença

atualmente difundida de que as circunstâncias nunca foram tão difíceis como agora”²⁷. Essa advertência continua sendo válida. A complexidade, a incerteza e a confusão não são algo novo. São a regra histórica. A guerra cibernética de hoje é a ameaça nuclear de ontem. Os atores não estatais de hoje são os revolucionários comunistas de ontem. A Primavera Árabe de hoje é o colapso da União Soviética de ontem. Sabemos tanto ou tão pouco sobre a próxima guerra quanto sabíamos ao sairmos das duas grandes guerras, da Coreia, do Vietnã ou do Golfo Pérsico.

Vale lembrar que, ainda que o mundo à nossa volta não seja exatamente igual ao mundo de dez, vinte ou cem anos atrás, devemos manter o presente (e o futuro) no devido contexto histórico. Precisamos manter uma visão ampla. Isso nos permitirá avaliar os atuais desafios e necessidades sem pensar que estamos, de alguma forma, à deriva em mares desconhecidos, impelidos por correntes que nunca vimos antes. Porque já estivemos nessa situação várias vezes. Nunca tivemos o privilégio de um futuro certo. Não estamos escrevendo um livro novo; estamos apenas acrescentando o próximo capítulo. ■

O Tenente-Coronel Clay Mountcastle, da reserva remunerada do Exército dos EUA, é professor assistente de História Militar do U.S. Army Command and General Staff College, Forte Lee, Estado da Virgínia. É doutor em História pela Duke University, tendo lecionado História Militar na Academia Militar dos EUA, no Instituto de Estudos de Combate do Exército dos EUA e na University of Washington. Mountcastle é o autor de *Punitive War: Confederate Guerrillas and Union Reprisals*.

Referências

1. *Nomination of John F. Kerry for Secretary of State: Hearing before the Committee on Foreign Relations Committee, 113th Cong. 163* (24 January 2013 statement of John Kerry), acesso em 25 nov. 2015, <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/CHRG-113shrg86451/html/CHRG-113shrg86451.htm>.
2. Everett S.P. Spain, J.D. Mohundro e Bernard B. Banks, “Intellectual Capital: A Case for Cultural Change”, *Parameters* 45(2) (Summer 2015): p. 77.
3. Tony Zinni e Tony Koltz, *Before the First Shots are Fired: How America can Win or Lose off the Battlefield* (New York: Palgrave Macmillan, 2014), p. 169, p. 171–72.
4. Army Doctrine Publication (ADP) 1, *The Army* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 2012), 4; Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-8-2, *The U.S. Army Learning Concept for 2015* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 2011), p. i.
5. John Keegan, *The First World War* (New York: Alfred A. Knopf, 1999), p. 23.
6. *Ibid.*, p. 10.
7. Williamson Murray e Allan R. Millet, *Military Innovation in the Interwar Period* (Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996), p. 1, p. 5.
8. Richard A. Preston, Alex Roland e Sydney F. Wise, *Men in Arms: A History of Warfare and its Interrelationships with Western Society*, 5th ed. (Fort Worth, TX: Holt, Rinehart, and Winston, 1999), p. 245.
9. Brian M. Linn, *The Echo of Battle: The Army's Way of War* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007), p. 153.
10. Zinni e Koltz, *Before the First Shots*, p. 201.
11. United States Army Center of Military History, *A Brief History of the U.S. Army in World War II* (Washington, DC: 1992),

passim; "WWII by the Numbers", National World War II Museum website, acesso em 25 nov. 2015, <http://www.national-ww2museum.org/learn/education/for-students/ww2-history/ww2-by-the-numbers>.

12. Kent R. Greenfield, *American Strategy in World War II: A Reconsideration* (Malabar, FL: Krieger Publishing, 1982), p. 22–23. Greenfield descreve os diversos elementos militares e políticos em ação que dificultaram a tomada de decisão para os países aliados.

13. Robert Golan-Viella, "The Cold War Wasn't Simple", *The National Interest*, 4 Feb. 2013, acesso em 25 nov. 2015, <http://nationalinterest.org/commentary/the-cold-war-world-wasnt-simple-8049>.

14. Paul Kennedy, "The Good Old Days of the Cold War", *Los Angeles Times*, 18 Feb. 2007.

15. Stanley Karnow, *Vietnam: A History* (New York: Penguin Group, 1984), p. 11.

16. Bruce Palmer Jr., *The 25 Year War: America's Military in Vietnam* (Lexington: University Press of Kentucky, 1984), p. vii.

17. A.M. Fufae e V.A. Runov, *The Soviet Afghan War: How a Superpower Fought and Lost*, edição e tradução Lester Grau e Michael Gress (Lawrence: University Press of Kansas, 2002), p. 72.

18. *Ibid.*, p. 91.

19. Wesley K. Clark, *Waging Modern War: Bosnia, Kosovo*

and the Future of Combat (Cambridge, MA: Perseus Books Group, 2000), p. 18.

20. Field Manual 3-24, *Counterinsurgency* (Washington, DC: U.S. GPO, 2006).

21. Bing West, *The Wrong War: Grit, Strategy, and the Way out of Afghanistan* (New York: Random House, 2011), p. 249.

22. Robert Gates, *Duty: Memoirs of a Secretary at War* (New York: Alfred A. Knopf, 2014), p. 571. [A expressão "albatross around one's neck", comum em inglês, é uma alusão ao poema "The Rime of the Ancient Mariner", de Samuel Taylor Coleridge, e tem as conotações de fardo, penitência ou obstáculo. — N. do T.]

23. Linn, *The Echo of Battle*, p. 243.

24. Christopher A. Lawrence, *America's Modern Wars: Understanding Iraq, Afghanistan, and Vietnam* (Havertown, PA: Casemate, 2015), p. 299–300. A ordem das citações foi organizada para fins de clareza.

25. General David G. Perkins, "Army Operating Concept: Delivering the Future", *Army Magazine* 64(10) (October 2014): p. 66.

26. ADP 1, *The Army*.

27. Charles E. Heller e William A. Stoft, eds., *America's First Battles, 1776–1965* (Lawrence: University Press of Kansas, 1986), p. 352.